

A construção discursiva do humor em textos de *stand-up comedy*: uma análise do discurso racista utilizado como estratégia do humor “antirracista”

Alberto César Pereira Siqueira*

Ronaldo Adriano de Freitas**

Resumo

Este artigo tem como objetivo a análise de alguns trechos de *stand-up comedy* produzidos pelo comediante brasileiro Gui preto, tendo por base com a Análise do Discurso Materialista (Pêcheux/Orlandi). A partir da análise dos trechos em circulação na internet, este trabalho busca compreender a maneira como o discurso racista é evocado para produzir humor em textos de *stand-up comedy*, bem como os efeitos de sentidos que emergem a partir da reprodução - mesmo inconsciente - desse discurso. A chave de leitura dessa pesquisa é a de que, embora o humor dos textos analisados não tenha o intuito de reproduzir sentidos que sustentam o racismo, utiliza-se do discurso racista para construir novos efeitos de sentido, tornando a denúncia, elemento que compõe o corpo de características dessa modalidade de humor, contraditória uma vez que o comediante, na intenção de desconstruir o racismo, se apropria de estereótipos e expressões socialmente marcadas, reforçando construções de sentido de preconceito, segregação e noções de desigualdade racial.

Palavras-chave: Análise do Discurso; racismo; *stand-up comedy*; contradição.

* Licenciado em Letras pelo Instituto Federal Fluminense. Orcid: <https://orcid.org/0009-0002-2280-4694>.

** Doutor em Estudos de Linguagem (UFF). Professor do Instituto Federal Fluminense. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6081-5146>.

The discursive construction of humor in stand-up comedy texts: an analysis of racist discourse as an “antiracist” humor strategy

Abstract

This article aims to analyze some excerpts of *stand-up* comedy produced by the Brazilian comedian Gui Preto, based on the Materialist Discourse Analysis (Pêcheux/Orlandi). From the analysis of excerpts circulating on the internet, this work seeks to understand the way in which racist discourse is evoked to produce humor in *stand-up* comedy texts, as well as the effects of meanings that emerge from the reproduction - even unconscious - of that speech. The reading strategy of this research is that, although the humor of the texts analyzed is not intended to reproduce meanings that support racism, racist discourse is used to build new meaning effects, making the denunciation an element that makes up the body of characteristics of this type of humor, contradictory since the comedian, with the intention of deconstructing racism, appropriates stereotypes and socially marked expressions, reinforcing constructions of a sense of prejudice, segregation and notions of racial inequality.

Keywords: Discourse Analysis; racism; stand-up comedy; contradiction.

Recebido em: 30/04/2024 / Aceito em: 08/10/2024

Introdução

Este artigo analisa alguns trechos selecionados de textos de *stand-up comedy* do comediante brasileiro Gui Preto, tomando por base a Análise do Discurso Materialista (Pêcheux/Orlandi). Objetiva-se examinar a utilização do discurso racista em textos de *stand-up comedy* para a produção de textos humorísticos que almejam alcançar o cômico e efetivar a oportunidade de denunciar e desconstruir o racismo através do humor. Considerando a análise do discurso como base teórica e dispositivo para compreensão e análise dos textos selecionados, este artigo é fundamentado nas obras de Pêcheux (2009), Orlandi (2001), Possenti (1998), Bergson (2018) e Eagleton (2020).

Para tornar possível a compreensão de como se constitui o objeto de estudo observado, o artigo se inicia pela contextualização do cenário do *stand-up comedy*. Procura-se assim definir discursivamente o *stand-up comedy* enquanto modalidade de produção do humor, para que as análises produzidas à frente possam se valer dessa definição. Neste gênero humorístico, o comediante é responsável por subir ao palco e apresentar suas piadas em formas de observações, análises e construções discursivas a fim de produzir efeitos de sentido junto ao público presente. É possível enumerar algumas características do *stand-up comedy*, visando compreender os pré-requisitos que contribuem para classificação dessa modalidade, como: os textos são autorais; geralmente há ausência de cenários e ou objetos cênicos, personagens, entre outros elementos. Os comediantes produzem textos para expor pensamentos, situações do seu cotidiano, reflexões, tecer críticas e observações utilizando de sarcasmos, ironias e outras diversas estratégias linguísticas como ferramentas para produzir/cativar o riso de sua plateia.

A origem do *stand-up comedy* não é consensual entre autores, mas nota-se seu surgimento a partir do início do século XIX, como uma variedade oferecida pelo *Vaudeville*, uma espécie de teatro itinerante e de apelo popular onde se apresentavam mágicos, comediantes, acrobatas, entre outros. No Brasil o *stand-up* surge com mais popularidade no início do século XXI, embora já houvesse shows de comédia diversos com grandes nomes como Jô Soares, Dercy Gonçalves, entre outros. A cena do *stand-up comedy* passa a ser fomentada a partir de grupos que organizavam shows de comédia cujas características respondiam ao modelo de humor constituído fora do país. Um comediante e um microfone era o que bastava para colocar em prática e popularizar esse gênero humorístico. Alguns nomes como Danilo Gentili, Diogo Portugal, Comédia em pé, Clube da Comédia, entre outros, aqueciam a cena, possibilitando a inserção de novos comediantes, novos temas, novas maneiras de fazer rir, sobretudo novas percepções. Atualmente, o cenário humorístico brasileiro, no que tange ao *stand-up* comedy, encontra-se bastante diversificado. Há comediantes para diversos sujeitos no constructo social (Wuo, Coelho, 2020).

O objetivo desse trabalho é, portanto, mostrar como o comediante brasileiro Gui Preto se apropria do discurso racista - mesmo que inconscientemente - para produzir textos de humor que não necessariamente são classificados como racistas, mas que recuperam o discurso racista para fazer valer a noção de denúncia e desconstrução do racismo. Tal construção entra em contradição uma vez que os ideais racistas e as políticas escravistas que foram enraizados no constructo social por meio de eventos históricos - como a colonização e exploração de países do continente africano, e também o domínio de povos originários

do Brasil - são reafirmados quando se utiliza de estereótipos, termos marcados e construções pejorativas da figura do indivíduo negro. Ou seja, para que a ideia de denúncia seja efetivada, é necessário, contraditoriamente - como um paradoxo discursivo, retomar aos ideais que estão sendo denunciados. Portanto, este artigo compreende a apropriação do discurso racista em textos de *stand-up comedy* visando examinar a maneira como o humor é construído nas condições acima citadas para produzir efeitos de sentido outros.

1 Humor: teoria, objetivos e funções

Léo Lins é um comediante em “*Segredos da Comédia Stand-up*” afirma que, “Escrever uma piada envolve um processo mental que segue determinadas regra. [...] ao compreender sua lógica e sua estrutura é possível seguir procedimentos que estimulam sua criação.” (Lins, 2014, p.13). Possenti, ao analisar linguisticamente diversas piadas quanto aos seus aspectos técnico-linguísticos afirma: “O problema é saber se a técnica, sendo necessária, é suficiente. Mas, o mais fundamental é tratar de saber no que consiste.” (Possenti, 1998, p.125). Ainda sobre o cômico, Possenti afirma que “O riso decorre do fato de que há uma passagem de texto que parece ter uma interpretação óbvia e, de repente, descobre-se que ela pode ter uma outra ainda mais óbvia.” (Possenti, 1998, p.45).

Lins refere-se a este processo como sendo uma *distorção cômica*¹ estabelecida pelo *punch line*², parte integrante da

1 *Distorção cômica* - “Há um elemento presente em qualquer piada: a distorção cômica. Esse é o gatilho responsável pela piada, é a ponte entre o real e o cômico. [...] A distorção gera uma surpresa, e a maioria das piadas se enquadra nessa categoria. O começo indica um caminho, mas o final muda a direção e pega os espectadores de surpresa.” (LINS, Leo. 2014, p. 18).

2 *Punch Line*: “O *setup* deve conter a informação necessária para viabilizar a existência e o impacto do *punch*, que consiste na parte da piada diretamente responsável pelo riso.” (LINS, Leo. 2014, p. 22).

estrutura base de uma piada. Possenti pontua, mais à frente, a relação entre a quantidade de riso que gera uma piada, inserindo a visão de que “Há quem pense que, quanto mais se ri de uma piada, melhor ela é. [...] Frequentemente, nesse domínio, misturam-se aspectos diferentes. Grandes piadas podem não provocar gargalhadas, mas apenas sorrisos leves” e completa: “atores que fazem gargalhar podem estar produzindo esse efeito através de uma série de outros recursos que nada tem a ver com piadas.” (ibidem, p. 45).

O autor assim afirma que “O que faz com que uma piada seja uma piada não é o seu tema, e sim uma certa maneira de apresentar tal tema ou uma tese sobre tal tema”. Nesta perspectiva, os efeitos de sentido construídos discursivamente na reprodução do texto de *stand-up comedy* reforçam a construção de uma tese sobre a temática relacionada ao texto, que, neste caso, é o *discurso racializado* (Modesto, 2021) inserido nos textos do comediante Gui Preto.

Os discursos racializados apontam para o processo de racialização das condições de produção, formulação e circulação dos discursos e não para a especificidade de um tema (como raça ou racismo). Não se trata de “falar sobre” raça, mas de ter os processos de racialização atravessando discursividades, ainda que por efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc.” (Modesto, 2021, p. 09).

Humoristicamente, os discursos racializados comparecem no que Bergson (2018) chama de “propriamente humano.” (Bergson, 2018, p. 38) O humor, sendo assim, em sua análise, é constituído pelas inserções cômicas dos indivíduos. O humor é assim entendido como um instrumento de investigação aprofundada a fim de dissecar determinada questão para notar suas particularidades, como afirma em:

O humor, assim definido, é o inverso da ironia. Ambos são formas da sátira, mas a ironia é de natureza retórica, ao passo que o humor tem algo de mais científico. [...] Acentua-se o humor, pelo contrário, descendo-se cada vez mais baixo no interior do mal que é, para lhe notar as particularidades com mais fria indiferença. (Bergson, 2018, p. 92).

O autor define também a função do humorista/comediante, conforme a seguir: “O humorista é, no caso, um moralista que se disfarça de homem de ciência, algo como um anatomista que só faria suas dissecações para nos causar sofrimento, e o humor, no sentido preciso em que consideramos o termo, é justamente uma transposição do moral no científico.” (Bergson, 2018, p. 92). Outra perspectiva do autor é que o humor seria apreciado caso os indivíduos se sentissem isolados. “Aparentemente, o riso tem necessidade de eco” (ibidem, p. 39). Ou seja, é necessário que a experiência cômica seja amplificada de maneira conjunta para que reverbere em outras pessoas e potencialize o humor. Em desenvolvimento de suas afirmações, o autor afirma que a emoção é inimiga do riso uma vez que, para alcançar o cômico o indivíduo deve se deslocar para instantes de indiferença para com o assunto ou situação.

No mesmo sentido, Eagleton (2020), discorre sobre concepções do humor e da maneira como o riso é enraizado nas relações sociais historicamente de maneira expositora e embasado sob a prisma de diversos autores, inserindo dentre eles, filósofos, cientistas, escritores e obras de seus repertórios. Ao iniciar suas considerações, Eagleton pondera que “O riso é um fenômeno universal, o que não significa que seja uniforme.” (Eagleton, 2020, p. 13). O autor relata através de suas análises que há diversas maneiras de fazer sorrir, bem

como outras diversas formas de sorrir. Ou seja, para ele, o riso não é homogêneo, o autor coloca em perspectiva as diferentes maneiras de reagir ao cômico.

Eagleton desenvolve suas considerações afirmando que o riso é “amplamente carregado de significado cultural” (Eagleton, 2020, p. 14), o que se conecta com a posição de Bergson ao pontuar que “o riso deve ter uma significação social” (Bergson, 2018, p. 40) visto que sociedade e cultura estão vinculadas, podendo ainda considerar a ótica de Orlandi para mediar tais perspectivas ao pontuar que “a materialidade da ideologia é o discurso” (Orlandi, 2011, p. 17) e este, por sua vez, constitui a sociedade. O autor afirma ainda que “o riso verdadeiramente hilário envolve uma perda do autocontrole físico durante o qual o corpo fica por um instante perdido”. (Eagleton, 2020, p. 15). Para além de outras definições que o autor aprofunda, cabe, para este estudo, considerar a afirmação de que, para Eagleton o riso é distintivamente humano e que nele estão envolvidas questões intermediadas pelas crenças e suposições dos indivíduos, o que se afirma em:

o riso é ao mesmo tempo animal e distintivamente humano, uma imitação do ruído das bestas, mas bastante não bestial em si. [...] é uma forma de enunciado que surge diretamente das profundezas libidinais do corpo, mas tem também uma dimensão cognitiva. Como a fúria e a inveja, envolve crenças e suposições. (Eagleton, 2020, p. 15-16).

Ao dizer que, ao alcançarmos o riso, “somos libertados, por alguns momentos do fardo inconveniente da compaixão.” (Eagleton, 2020 p. 18) o autor explora um ponto de vista que pode ser aproximado às observações que Bergson (2018) descreve quando, sobre humor, afirma: “A indiferença é seu ambiente natural.” (Bergson, 2018, p. 38). Eagleton aproxima-

se de Bergson também ao considerar a natureza coletiva do humor, uma vez que reitera: “Quando os participantes da plateia de uma comédia urram de rir, estão respondendo a uma situação no palco mas também à animação uns dos outros, deliciando-se nessa solidariedade de som e nesse momentâneo coleguismo.” (Eagleton, 2020 p. 94).

O autor também se posiciona com relação às categorizações do humor considerando as condições de produção. No entanto, o que desperta atenção para o desenvolvimento deste estudo é a maneira como o autor, considerando as relações sociais, categoriza - embasado por suas análises de obras e autores outros - a maneira como o riso é classificado, colocando em foco as divergências inseridas nas extremidades de um conjunto social. O autor destaca: “A peixeira cacareja, ao passo que o estadista dá uma risadinha.” (Eagleton, 2020, p. 84) Essa afirmação do autor é resultante de uma análise historicamente aprofundada acerca de como o humor foi modificado na estrutura social ao longo do tempo, sendo, por vezes, considerado vulgar e não sendo bem aceito uma vez que sua produção era realizada por grupos socialmente menos favorecidos. No entanto, quando sua produção era realizada de posições elevadas nas hierarquias sociais favorecidas pelo poder, seu conteúdo era bem-visto e bem aceito, bem como as reações (risos). De acordo com essa perspectiva elitista, pode-se afirmar que há um sistema de desigualdade que afeta as condições de produção do texto cômico, influenciando seu consumo e sua propagação. Tendo em vista as posições acima, foquemos em investigar a partir dos textos selecionados também as condições de produção, considerando o universo do autor³.

³ Neste caso, o autor é o comediante brasileiro de stand-up Gui Preto cuja biografia encontra-se ainda indisponível na internet. Este fato colabora para o movimento de reflexão acerca do crescimento ainda recente do *stand-up comedy* e dos comediantes inseridos nessa modalidade no Brasil.

2 Procedimento metodológico e universo teórico da Análise do Discurso

A questão da produção do humor é considerada nesse trabalho a partir do caráter da contradição que caracteriza esses discursos. Trata-se de compreender o inter-relacionamento constitutivo entre o combater e reafirmar posições que caracterizam “*as condições ideológicas da reprodução/transformação das relações de produção*.” (Pêcheux [1975 (2009, p. 168, grifos do autor)]. Consideramos, assim que o humor engajado funciona pelo princípio da contradição, reproduzindo as relações de força para a produção do efeito de evidenciação de sua existência.

Tal funcionamento — de reprodução/transformação — se dá pelos processos de paráfrase e polissemia, desenvolvidos por Orlandi (2001), pela noção de que paráfrase é uma série de processos de estabilização, ao contrário da polissemia que se configura como a ruptura desse processo de estabilização, possibilitando a construção de novos caminhos e sentidos. Torna-se, assim, relevante para essa pesquisa considerar o conceito de materialidade teorizado por Orlandi, a partir da noção pechetiana (Pêcheux, ([1975] 2009), pela qual, a materialidade da ideologia é o discurso, enquanto a materialidade do discurso é a própria língua (Orlandi, 2001). Portanto, entende-se que materialidade se relaciona com o discurso historicamente na língua. Além da visão de materialidade, é relevante compreender que, de acordo com Orlandi, a ideologia é a função necessária entre a linguagem e o mundo e que, “[...] todo e qualquer dizer é ideologicamente marcado.” (Orlandi, 2001, p. 45).

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento: prática de linguagem. Com o estudo do discurso observa-se o homem falando.” (Orlandi, 2001, p. 15).

A interpretação do material a partir da análise discursiva que atravessa a questão da construção do humor no *stand-up comedy* é imprescindível para a correlação dos conceitos que norteiam essa pesquisa e seus autores, a fim de justificar os procedimentos que são utilizados para corroborar o presente artigo.

No que tange a este tipo de análise, é importante considerar que, para Orlandi (2001) existem modos de interpretar. “Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá.” (Orlandi, 2001, p. 10). Orlandi também aponta o objetivo geral da análise do discurso ao apontar necessária a compreensão da língua enquanto trabalho simbólico, enquanto parte da sociedade, enquanto constitutiva do homem e da sua história (Orlandi, 2001, p. 15). A autora aborda o passo inicial para levantar uma análise discursiva eficiente que considere a materialidade da língua:

Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, o analista de discurso relaciona a linguagem à sua exterioridade.” (Orlandi, 2001, p. 16).

Orlandi afirma que o discurso é onde pode-se observar a relação entre a língua e ideologia, compreendendo como a

língua produz sentidos para os indivíduos. A autora organiza em sua obra “Análise do discurso: Princípios e procedimentos” uma observação sob a qual este trabalho se apoia, quando diz: “partindo da ideia de que a materialidade específica da ideologia é o discurso e materialidade específica do discurso é a língua, trabalha a relação língua-discurso-ideologia. Essa relação, como diz Pêcheux (1975), não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia: o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia e é assim que a língua faz sentido.” (Orlandi, 2001, p. 17).

Considerando os conceitos de materialidade, ideologia, sujeito e discurso teorizados por Orlandi, este trabalho os relaciona ao realizar as análises dos materiais coletados, a fim de conectar o problema da pesquisa à hipótese de leitura, tornando possível a partir dessas investigações a identificação do discurso racista nos trechos dos shows de *stand-up comedy* que foram selecionados. Orlandi, ao discorrer sobre estudos discursivos, afirma que não se separa forma e conteúdo e procura-se compreender a língua como acontecimento, onde o indivíduo é afetado pela história, tornando-se sujeito.

3 Análise, efeitos de sentido e contradição

Para compor o corpus deste estudo, foram selecionados alguns trechos de textos de *stand-up comedy* do comediante brasileiro Gui Preto. Segundo afirmações dele em uma de suas apresentações disponibilizadas no Youtube, seu nome artístico correlaciona-se com traços fenotípicos, tornando a resposta para um possível questionamento quase óbvia. Gui Preto se apresenta em diversas cidades do país com seus shows solos e

também frequenta ambientes dedicados à prática do *stand-up comedy* para gravar materiais audiovisuais e testar suas piadas, como o “Naitan”, “Clube do Minhoca”, entre outros. A escolha do comediante foi efetivada a partir da escolha de seu nome artístico, que encerra em “Preto” a temática que ancora seu fazer humorístico: o nome “Gui Preto” se constitui assim pelo discurso da afirmação racial em seu processo discursivo.

Considerando que “os discursos que se estabelecem nas fronteiras do social apresentam a potencialidade de serem racializados, em virtude das especificidades conjunturais de nossa formação social e das condições de produção que daí se erigem, mesmo que o discurso em análise não tematize raça.” (Modesto, 2021, P. 15), É possível, a partir dos trechos recortados, analisar a maneira como Gui Preto utiliza sua posição como comediante para trazer aos seus textos suas reflexões e inquietações sobre diversos assuntos, incluindo, entre eles, questões sobre racismo que atravessam seu cotidiano.

Valendo-se do caráter denunciativo presente na modalidade do *stand-up comedy*, Gui Preto constrói suas análises e as expõe em formas de piada, possibilitando a aproximação da plateia que se identifica com as questões trazidas às apresentações e a formulação de outros sentidos a partir de suas formulações. Alinha-se a seguir a afirmação de Orlandi ao pontuar que “os dizeres não são apenas mensagens a serem codificadas, mas também são efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz.” (Orlandi, 2001, p. 30). Dessa forma, cabe ao movimento analítico esmiuçar os efeitos de sentidos produzidos nos trechos a seguir, bem como as condições de sua produção.

Para isso, cabe considerar o racismo sob a perspectiva de Moreira (2020), que o conceitua como:

Sistema de exclusão que opera por meio de estigmatização de grupos populacionais que são racializados por possuírem determinadas características fenotípicas em comum. Elas são representadas como traços negativos a partir dos quais muitos membros do grupo racial dominante passam a atuar, o que ocorre em quase todas as esferas da vida de minorias raciais. Estigmas raciais são reproduzidos de forma ativa e passiva, estando presentes não apenas nas falas de indivíduos particulares, mas também em diversas produções culturais de forma direta ou encoberta.” (Moreira, 2020, p. 64).

As observações levantadas ponderam a contradição que se estabelece no movimento de resgatar noções do discurso racista para que seja possível, através da denúncia e dos apontamentos do autor, suprimi-lo. Vejamos o trecho a seguir retirado de um dos vídeos⁴ utilizados:

Quadro 1 – Racismo Reverso

Muita gente fala que: ‘ah isso aí é racismo, você tá invertendo o racismo, é racismo [esquece o termo - pessoa da plateia sugere] reverso. Cê vê mano? eu não consigo nem falar uma desgraça dessas. Como é que você reverte 400 anos? 400 anos de escravidão. Para ilustrar essa questão de vez eu vou chamar aqui duas pessoas pra explicar que não tem como reverter racismo de jeito nenhum. [chama Kedny Silva - comediante negro - e Bruno Romano - comediante branco] Eu vou fazer três perguntas para vocês e vocês não me respondam, tá? O racismo é uma coisa institucional e está na cabeça das pessoas. Não tem como reverter um bagulho que já está na cabeça dos outros. Certo? Se fosse pra confiar sua bolsa olhando esses dois aqui, a quem vocês confiam? [gargalhadas] Viram? não falei nada. Se essas duas pessoas estão andando na rua de vocês à noite, esses dois cidadãos na mesma calçada, qual calçada que vocês vão? [gargalhadas] agora, sem preconceito nenhum, se fosse pra te comer gostoso, qual dos dois você escolheria? [gargalhadas intensas da plateia]. (Gui Preto - *Existe racismo reverso?*, 4:10s - 6:16s).

Fonte: Transcrito do Canal Gui Preto (2019).

⁴ Material divulgado em plataformas digitais que também circulam em redes sociais do autor a fim de compartilhar o seu trabalho enquanto comediante.

Neste fragmento, é possível perceber que o comediante se posiciona de maneira questionadora ao ser acusado de propagar mensagens consideradas “ofensivas” aos brancos, o que, segundo a crítica recebida por ele, era considerado “racismo reverso”. Ao defender sua posição - de que a existência do racismo reverso não é plausível - Gui Preto utiliza uma estratégia comparativa para acessar a noção de racismo intrínseca à determinada formação discursiva. Sabe-se que o racismo foi instaurado no constructo social historicamente, desde o colonialismo. Desde então, os ideais racistas atravessam as relações sociais, contribuindo para a propagação e para o desenvolvimento de pautas que favoreçam cada vez mais os brancos em relação aos negros, estabelecendo assim, noções de inferioridade, o que contribui para a formação de estigmas sociais.

Orlandi ressalta que “Todo dizer se encontra na confluência de dois eixos: o da memória (constituição) e o da atualidade (formulação). E é desse jogo que tiram seus sentidos.” (Orlandi, 2001, p. 33). A partir dessa perspectiva, torna-se possível articular o movimento comparativo presente no texto do comediante, que resgata a noção de racismo estruturada pela história para efetivar sua perspectiva acerca da pseudoexistência de um racismo que atinja o indivíduo branco e não o negro.

A partir de Moreira (2020), é possível considerar formações estereotipadas em relação à comunidade negra do Brasil. Em sua obra *Racismo Recreativo*, publicada em 2020 na coleção *Feminismos Plurais* coordenada pela Djamila Ribeiro, Moreira aborda aspectos constitutivos das noções de estereótipos e estigmas. Para ele, “estereótipos são falsas generalizações sobre membros de determinados segmentos sociais. Eles podem descrever o comportamento de alguns deles, mas certamente não

de todos.” (Moreira, 2020, p. 59). Gui Preto utiliza o prisma dos estereótipos para realizar e embasar sua análise comparativa no texto. Ao solicitar a presença de dois colegas de profissão no palco, considerando um branco e um negro, o comediante cria um panorama de oposição entre um e outro, para que seja possível a partir das diferenças estabelecidas - não só fenotipicamente, mas também resgatando as noções raciais enraizadas pelo racismo - provar sua tese.

Em Moreira (2020) discute-se a utilização dos estereótipos como ferramenta de fixação de ideais. Segundo o autor: “Estereótipos precisam ser constantemente repetidos para que se tornem uma forma de conhecimento compartilhado, o que pode ocorrer por diversas formas de produções culturais, inclusive pelo humor.” (ibidem, p. 60) Além disso, o autor reforça que a lógica dos estereótipos está diretamente ligada à lógica dos estigmas e pontua que “Estigmas são responsáveis pela construção de identidades sociais culturalmente desprezadas porque designam pessoas supostamente diferentes ou inferiores.” (Moreira, 2020, p.62).

A fim de fundamentar sua provocação, o comediante convida a plateia a refletir suas respostas, então questiona: “Se fosse pra confiar sua bolsa olhando esses dois aqui, a quem vocês confiam? [gargalhadas] Se essas duas pessoas estão andando na rua de vocês à noite, esses dois cidadãos na mesma calçada, qual calçada que vocês vão? [gargalhadas]” Esse movimento faz com que a plateia consulte os estereótipos que foram socialmente construídos sob a perspectiva do racismo em relação aos negros, levando-a a considerar também a posição privilegiada em que o indivíduo branco se encontra. As gargalhadas da plateia sugerem que a resposta para essas duas perguntas seja supostamente

óbvia: as pessoas confiariam suas bolsas ao homem branco e optariam por caminhar na mesma calçada em que se encontra o homem branco.

A noção de que o homem negro é violento, perigoso, é uma marca estigmatizada. Logo, a plateia considerou que seria mais seguro aproximar-se do indivíduo cujo tom de pele não é um fator que determina de maneira generalizada seus comportamentos, bem como sua integridade enquanto cidadão. Além disso, quando o comediante faz a terceira pergunta, encontra-se um outro contexto. Sob o prisma dos estereótipos, há uma visão hipersexualizada do homem negro que percorre, assim como expressões pejorativas, a superfície social. Assim, ao questionar quem as pessoas da plateia escolheriam para ter uma relação sexual positiva, a resposta é induzida a outro caminho, considerando que o indivíduo branco não precisa se afirmar pelo comportamento sexual imponente para satisfazer as expectativas de uma pessoa. Essas formulações são socialmente construídas e se desenvolvem na camada da sociedade à medida que os ideais racistas se propagam. Dialogando a essa questão, Orlandi considera o interdiscurso em suas proposições, conceituando-o como “todo conjunto de formulações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos. Para que minhas palavras tenham sentido, é preciso que elas já façam sentido.” (Orlandi, 2001, p. 33).

A contradição se estabelece uma vez que o comediante ocasiona esse tipo de reflexão acerca do racismo estrutural na constituição dos sujeitos. No entanto, essa contradição mostra-se inevitável. Ora, não seria possível desconstruir essa mentalidade de inferioridade racial ou de racismo reverso sem levantar questões como estereótipos e estigmas. Porém, ao abordar essas

questões, o comediante se apropria do discurso racista para formular outros efeitos de sentido a partir de suas piadas. A intenção do comediante é, neste caso, desconstruir a idealização de racismo reverso a partir de seu texto. Entretanto, para efetivar essa desconstrução, torna-se necessário que o comediante retome concepções instauradas pelos ideais racistas, movimento que, discursivamente, reafirma ideologias de superioridade racial e as torna presentes nas formações discursivas atuais. Através do discurso é possível observar a relação entre língua e ideologia, e também compreender “como a língua produz sentidos por e para os sujeitos” conforme Orlandi (2001). Vejamos mais um fragmento a seguir.

Quadro 2 - Hipersexualização

Teve um maluco que me xingou na internet por causa de um texto que eu fiz, né. Eu fiz sobre pantera negra. Se tem alguém que já viu esse filme aqui, grita eu. [Plateia em conjunto: “eu!”]. Muito bom contar com vocês brancos gritando ai, que maravilha. [...] queria dar uma chicotada em todo mundo aqui agora que ai já ficava *em casa* [expressão para à vontade, confortável e em igualdade] - também né, os negros viram e falam assim: pô se quiser eu chicoto com a rola hein. [...] eu não tenho a rola grande não, eu sou tipo japonego. É que a de vocês parece uma barra de diamante negro, o meu parece um bisinho, sabe aquele bis? só que já veio mordido. (Gui Preto, *Respondendo Racistas 1*, 0:00s- 0:40s).

Fonte: Transcrito do Canal Gui Preto (2019).

Segundo Possenti, “provavelmente todas as piadas veiculam, além do sentido mais apreensível, uma ideologia, isto é, um discurso de mais difícil acesso ao leitor.” (Possenti, 1998, p. 38). Neste segundo fragmento, pode ser enfatizada a questão do estereótipo hipersexualizado do homem negro, colocando em perspectiva a tentativa de desconstruir a visão de que todos os homens negros, de maneira generalizada possuem o órgão sexual avantajado. O comediante expõe sua perspectiva em relação às generalizações, ponderando que não representam

todos daquele conjunto social. Apesar dessa pontuação, não há maneiras de corroborar sua perspectiva sem, antes de expô-la, retomar concepções que foram desenvolvidas pela inserção de noções racistas que cotidianamente são repetidas e propagadas.

Logo, acessamos novamente o mesmo lugar: a contrariedade. A intenção entra em contradição com a ação, uma vez que, para extinguir a perspectiva estereotipada e hipersexualizada do homem negro seja necessário resgatar a ótica de estereótipo. O texto entra em contradição porque, para anular o pensamento, é preciso retomá-lo e, ao retomar o “ideal”, o comediante o reafirma discursivamente. O jogo para construção de novos efeitos de sentido se estabelece nessas movimentações subordinadas, criando uma espécie de paradoxo.

Moreira (2020) aponta que boa parte dessas construções de estereótipos e estigmas referentes a minorias sociais são majoritariamente fixadas nos valores de um conjunto social através da normalização de discursos humorísticos cujo conteúdo é de cunho preconceituoso. Para ele, o humor é também um instrumento para compartilhar ideais hostis e propagar ideias pejorativas sobre grupos socialmente desfavorecidos. O autor ressalta ainda que “O distanciamento social faz com que nosso sentimento de solidariedade seja menor em relação àqueles que são vistos como pessoas de menor prestígio. Por isso, não nos sentimos constrangidos em contar ou rir de piadas que expressam hostilidade em relação a certas classes de indivíduos.” (Moreira, 2020, p.72). Esse pensamento dialoga com a noção de que a insensibilidade e a indiferença são aliadas do humor, como pontuado por Bergson (2018).

Ao compartilhar do estereótipo hipersexualizado do homem negro para produzir outro efeito de sentido - o de exceção - e provar que a generalização é inadequada, o

comediante retoma a concepção que fundamenta o estereótipo, reafirmando-o novamente. Moreira aborda também para exemplificar o humor depreciativo⁵ a degradação sexual. O autor afirma: “a degradação sexual de membros de minorias raciais é um dos exemplos clássicos do racismo recreativo. Piadas sobre a virilidade de homens asiáticos e homens negros são muito comuns entre nós.” (Moreira, 2020, p. 87). Seu ponto se confirma a partir da análise do fragmento, quando se observa a utilização do termo duplamente ofensivo “japonego” pelo comediante, referindo-se a ele mesmo como um sujeito que está inserido em um entrelugar referente a visão estereotipada do homem negro e do homem asiático.

Moreira ainda analisa: “A alegada potência sexual do homem negro sugere que ele é uma besta sexual, sendo então um parceiro inadequado. [...] estamos diante de um tipo de mensagem que tem o objetivo de valorizar sexualmente o homem branco, embora não os mencione.” (Moreira, 2020, p. 88). Para ele, “a construção de que o homem negro é visto como um animal sexual implica que ele carece de capacidade racional, requisito básico para que uma pessoa possa desempenhar quaisquer atividades profissionais.” (Moreira, 2020, p. 89). Logo, esse tipo de piada comparativa torna-se uma estratégia para garantir vantagens sociais no espaço privado e também no espaço público, conforme o autor, colocando o homem branco novamente em uma posição de prestígio e privilégio. Portanto, ao utilizar essas comparações, o comediante acessa esses elementos que constituem uma narrativa racista, mesmo que ele queira desconstruí-los. Acessando-os, ele retoma seus discursos, os reafirma. Analisemos outro fragmento:

⁵ *Humor depreciativo*: “provoca um efeito cômico porque evoca estereótipos raciais que circulam dentro de nossa cultura, tais como a suposta periculosidade do homem negro, a sexualidade exacerbada da mulher negra ou a indolência dos membros dessa raça.” (Moreira, 2020, p.81).

Quadro 3 – População Carcerária

Mais de 60% da população negra está na cadeia, vocês sabiam disso? é foda, nossa realidade. Os outros 40% estão aguardando julgamento. [gargalhadas da plateia] Viu como vocês são preconceituosos?” (Gui Preto, *Sobre Racismo*, 5:45s - 5:58s). “Eu falei que meu povo sofre muito preconceito mas tem uma galera que sofre muito mais preconceito que meu povo, que é quem? os clientes e usuários de cartão Elo. Vocês já viram esses malucos? é muito embaçado. Sofrem muito preconceito. Eu tenho pra mim que quem inventou o cartão Elo foi um negão, tá ligado? só para os brancos saberem como é chegar nos lugares e não ser aceito. (Gui Preto, *Sobre Racismo*, 10:30s - 10:53s).

Fonte: Transcrito do Canal Gui Preto (2019).

Orlandi afirma que o dizer não é propriedade particular e que as palavras significam pela história e pela língua. (2001, p. 32). Moreira ressalta que o humor é constituído também por mecanismos mentais, o que: “implica o processamento de estímulos presentes no ambiente, na evocação de memórias, no jogo com as palavras ou nos símbolos de modo criativo.” (Moreira, 2020, p. 69). O comediante, nesse texto, dialoga com a plateia acerca do racismo presente no contexto social do qual ele emergiu. A intenção do texto é apontar de maneira denunciativa uma dura realidade de forma que a plateia realize reflexões acerca do tema proposto. No decorrer de sua apresentação, o comediante realiza o primeiro trecho de piada, apontando que mais da metade da população negra está em uma realidade carcerária. Em seguida, afirma que a porcentagem restante está relacionada às pessoas negras que estão aguardando julgamento, generalizando o caráter criminoso estabelecido também por estigmas sociais. No entanto, ao final do efeito cômico o comediante faz a seguinte provocação: “viu como vocês são preconceituosos?”.

O intuito, então, era provocar a plateia de maneira que fosse possível alertá-los sobre o racismo estrutural e como essas concepções de inferioridade social estão inseridas no

senso comum das pessoas, ocasionando na marginalização generalizada da população negra no Brasil. Logo, é possível perceber a qualidade provocativa desse texto, possibilitando a reflexão sobre o motivo daquilo que desperta o riso. No entanto, a denúncia presente no texto não exclui a retomada de conceitos racistas que atravessam a história através das ideologias de supremacia branca inseridas à língua, fazendo com que elas sejam reforçadas momentaneamente.

Moreira (2020) define racismo recreativo como “um projeto de dominação que procura promover a reprodução de relações assimétricas de poder entre grupos raciais por meio de uma política cultural baseada na utilização do humor como expressão de encobrimento da hostilidade racial.” (Moreira, 2020, p. 148). Logo, prova-se que utilizar expressões desse tipo garantem a manutenção do caráter recreativo do humor racista, ocasionando a visão deturpada de que piadas são apenas piadas e não se relacionam com a história, com ideologias e com contextos específicos, legitimando assim o racismo recreativo sem considerar os danos que ele causa moralmente e psicologicamente aos sujeitos e minorias oprimidas.

O segundo fragmento é ideal para considerarmos a característica e a intenção reparadora do texto do comediante. Na oração “só para os brancos saberem como é chegar nos lugares e não ser aceito.” está presente todo um contexto ocasionado pelas políticas escravistas e por modos de segregação racial instaurados na sociedade historicamente, fazendo com que negros sejam recusados, rejeitados e maltratados na esfera social estritamente por características físicas e estereótipos marginalizados. Logo, é possível perceber que o comediante se posiciona ativamente contra esses aspectos, desejando formas

de destruir, ou, ao menos, reduzir as concepções racistas. No entanto, parece inevitável fazê-lo sem reafirmar previamente os ideais segregadores.

Seguiremos com o último recorte:

Quadro 4 – Marginalização

Pode parecer que não, mas o preconceito tá aí, tá ligado? É só a gente perceber, por exemplo: um cara caucasiano. O irmão aqui [aponta um homem branco na plateia]. Um cara bonito, bem arrumado. [...] se você ver o [pessoa da plateia] numa Tucson, você fala: ‘pô esse cara é muito foda, tá ligado? esse cara é um cliente diamante na Hinode.’ Agora, se você me ver numa Tucson [plateia ri] você fala: ‘ah que bom, meu uber black chegou’ ou ‘não, esse carro é roubado, não é possível. (Gui Preto, *Sobre Racismo*, 2:56s - 4:12s).

Fonte: Transcrito do Canal Gui Preto (2019).

A partir desse fragmento, é possível discutir a visão estigmatizada e marginalizada da população negra. Relacionando Moreira (2020), “O humor racista permite que estereótipos negativos sobre minorias raciais circulem de forma incessante, o que contribui para que estigmas afetem todos os aspectos da vida dos indivíduos, razão pela qual eles provocam a desigualdades de status moral e de status material entre grupos raciais.” (Moreira, 2020, p.83) O autor afirma ainda que o humor racista é também uma forma encontrada pelas pessoas brancas de defender a posição privilegiada que ocupam, o que confere seu caráter estratégico, sendo parte constituinte do processo de estratificação social quando legitimado.

No primeiro trecho do fragmento é possível reconhecer discursos que, fundamentados pelo racismo, categorizam os indivíduos sociais não por competência ou currículo, mas por aparência. Dessa forma, seguindo a lógica de superioridade dos indivíduos brancos e bem-sucedidos que são colocados privilegiadamente próximos às esferas de o poder, indivíduos negros são insuficientes para ocuparem cargos de poder ou valores. Isso se alinha ao fato de que:

estigmas operam como elementos que limitam o acesso a oportunidades sociais, servindo como ponto de partida para atos discriminatórios em diversas esferas da vida dos grupos afetados [...] a discriminação produz a exclusão social e acaba por confirmar a percepção social depreciativa sobre os grupos estigmatizados. [...] grupos minoritários também internalizam esses estigmas e passam a perceber a si mesmos e também os membros do próprio grupo a partir deles. (Moreira, 2020, p. 63).

A visão marginalizada do sujeito negro é transportada de gerações à gerações através de piadas hostis, discursos preconceituosos e principalmente pela construção de estigmas. A partir deles, é inserido no cotidiano das pessoas perspectivas que generalizam o comportamento das pessoas negras e as categorizam com termos pejorativos, como: violentos, mal-educados, incapazes, inferiores, desprovidos, despreparados, entre outros termos marginalizados. Além disso, pode ser citada a demonização da cultura, dos costumes e das tradições nativas desses sujeitos, colocando-as como inferiores de acordo com os costumes europeus introduzidos na sociedade desde o projeto colonial.

Logo, o humorista retoma o sentido de que um homem negro, se não estiver prestando serviço a outras pessoas - referência à constituição do negro pelo trabalho prestado a brancos, ligada à memória do trabalho escravo - não pode ter condições financeiras e morais de adquirir um bom veículo, sugerindo que, devido ao “caráter violento” vinculado à raça, seja mais plausível que o homem negro roube o veículo, enquanto, se o homem for branco, o veículo é diretamente relacionado à conquistas pessoais e manutenção de posições de poder na sociedade. Esse raciocínio reforça a noção de inferioridade do negro, contribuindo para o ferimento de sua integridade moral e, por vezes, física.

A partir da discussão exposta, é possível refletir sobre o paradoxo discursivo citado anteriormente. O comediante brasileiro Gui Preto assume uma postura denunciativa colocando em seus textos desconstruções do pensamento racista. Esse movimento é importante para que tais concepções sejam reduzidas à medida que o tempo passa e a partir do diálogo e dos questionamentos seja possível desarmar dispositivos de segregação e inferiorização de grupos sociais desfavorecidos. No entanto, como vimos, a retomada dessas concepções majoritariamente racistas e pejorativas reafirma esse discurso à medida que busca desconstruí-lo.

Logo, cabe a reflexão: a que medida o discurso racista vem sendo desarmado se, para desarmá-lo, é necessário retomá-lo? No entanto, é possível também considerar a legitimidade da intenção de denúncia, que possibilita o rompimento dos ideais racistas para formular novos efeitos de sentido que desestabilizem esses sentidos, mesmo que se enfrente uma contradição discursiva na estrutura do texto. A despeito do racismo recreativo, Moreira pontua que “a degradação moral da população negra, alvo principal do racismo recreativo, forma uma unidade cultural com várias outras manifestações de racismo, razão pela qual a distinção entre racismo e injúria carece de sentido. Os dois ilícitos dizem respeito exatamente à mesma coisa, qual seja, um ataque à reputação da pessoa em função do pertencimento dela a uma minoria racial.” (Moreira, 2020, P. 181) Vale ainda, para as noções de discursos racializados considerar Modesto em suas proposições:

O que procuro fazer é reforçar a necessidade de considerar os discursos, de modo geral, quando constituídos a partir das condições de produção vigentes na formação social brasileira, afetados por condições

de produção racializadas. Nesse sentido, os discursos racializados apontam para o processo de racialização das condições de produção, formulação e circulação dos discursos e não para a especificidade de um tema (como raça ou racismo). Não se trata de “falar sobre” raça, mas de ter os processos de racialização atravessando discursividades, ainda que por efeitos do silenciamento, da contradição, da metáfora, da paráfrase, da paródia etc. (Modesto, 2021, p. 09).

Conforme Orlandi, a intenção do comediante presente nos textos é plausível, uma vez que se considere as formas de repetição apresentadas pela autora. Os movimentos realizados pelas estratégias de enunciação do comediante estariam configurados no que Orlandi conceitua como repetição histórica, que é a repetição que possibilita o caráter polissêmico do texto, em suas palavras: “a repetição histórica, que é a que desloca, a que permite o movimento porque historiciza o dizer e o sujeito, fazendo fluir o discurso, nos seus percursos, trabalhando o equívoco, a falham atravessando as evidências do imaginário e fazendo o irrealizado irromper no já estabelecido.” (Orlandi, 2001 p. 54). Portanto, pode ser válida a elaboração discursiva do comediante em seus textos de *stand-up comedy* uma vez que se utiliza do discurso racista para irromper sua estabilidade, apresentando novos efeitos de sentido a partir de suas formulações e questionamentos. No entanto, no âmbito da contrariedade, este movimento deve ser pensado de maneira reflexiva para verificar até que ponto as noções preconceituosas estão sendo reafirmadas e a partir de que ponto elas devem ser desconstruídas.

4 Conclusão

Apesar deste artigo não possuir caráter comprobatório e não esgotar as possibilidades de análise, é possível, através das observações, chegar a conclusão de que nele se mostra como o discurso racista, assim como outros discursos existentes no constructo social, se relaciona com humor reproduzindo estereótipos, termos marcados, posicionamentos ideológicos, entre outros aspectos mesmo que o intuito seja desconstruí-lo. É plausível afirmar que a compreensão efetiva das análises realizadas foi alcançada, contribuindo para a construção dessa maneira de observar e investigar o humor junto ao processo de significação estabelecido entre as piadas e a reprodução mesmo inconsciente do discurso racista.

Este trabalho explana um parâmetro eficiente de observação a partir da metodologia adotada, auxiliando na leitura e interpretação de textos humorísticos na modalidade do *stand-up comedy*. Além disso, propõe uma reflexão sobre os processos de significação e sentidos anexados a questões sociais recorrentes através de piadas, as quais, geralmente e erroneamente, são classificadas como “somente” piadas, visto que exigem a consideração de todo um aparato ideológico, contextual e histórico em sua construção.

Fornecer modos de compreensão do caráter contraditório do humor enquanto instância de denúncia social e de tentativa de reorganização desses sentidos é uma contribuição que a análise do discurso pode viabilizar para reabertura das possibilidades de reorganização desses discursos. Os discursos racializados que ancoram os efeitos de humor produzidos nessas produções, podem e devem ser observados, questionados, avaliados, contrapostos, e com eles, identificadas matrizes de sentido de nossa formação social, de modo que a compreensão de sua constituição contraditória seja o elemento que permita a ampliação de posicionamentos antirracistas.

Referências

- BERGSON, Henry. *O riso: Ensaio sobre o significado do cômico*. Tradução e notas de Maria Adriana Camargo Capello; Introdução de Débora Cristina Morato Pinto - São Paulo, Edipro, 2018.
- EAGLETON, Terry. *Humor: o papel fundamental do riso na cultura*. Terry Eagleton; Tradução Alessandra Bonruquer. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2020.
- LINS, Léo. *Segredos da comédia stand-up*. 1. ed. São Paulo: Panda Books, 2014.
- MOREIRA, Adilson. *Racismo Recreativo / Adilson Moreira*. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2020. Coleção Feminismos Plurais, Coordenação Djamila Ribeiro.
- MODESTO, R. (2021). *Os discursos racializados*. Revista da Abralin, v. 20, n. 2, p. 1-19, 2021.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 3a ed. Campinas: Pontes, 2001.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, Editora da Unicamp, [1975] 2009.
- POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua: análises linguísticas de piadas*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- PRETO, Gui. *Existe racismo reverso?* Plataforma Youtube. 6m55s. Publicado em 25 jun. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Lgsd2jjkFJo>. Acesso em 10 out. 2023.
- WUO, Ana Elvira; COELHO, Thiago Henrique Fernandes. *Stand up Clown: pontos de contato entre as práticas do stand up comedy e do palhaço*. Aurora (PUCSP. online) , v. v.12, p. 1-23, 2020.